

Saldo comercial é trunfo da missão brasileira

Economia - Brasil

Ed Ferreira/AE

Dado favorável será mostrado a banqueiros para recuperar credibilidade do País

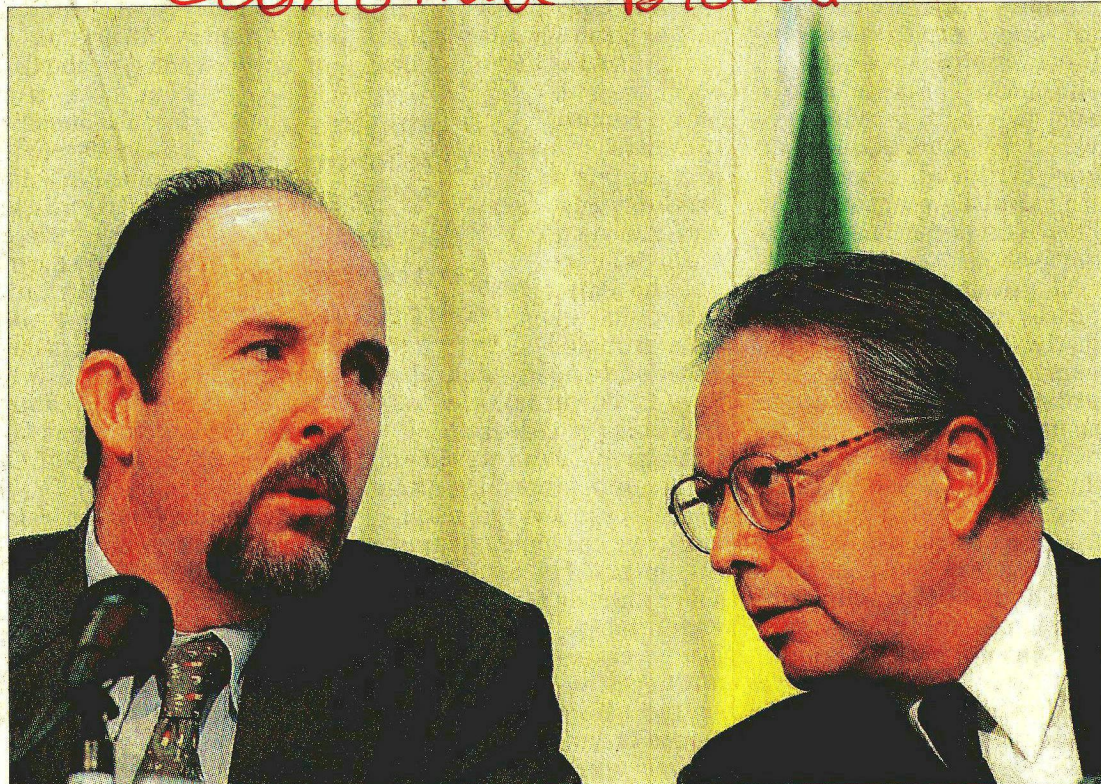
FERNANDO DANTAS
e LU AIKO OTTA

NOVA YORK – O Brasil vai apresentar um trunfo na reunião de hoje do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do diretor do Banco Central (BC), Armínio Fraga, com representantes do primeiro escalão dos maiores bancos comerciais do planeta. A carta na manga de Malan e Fraga é o saldo comercial brasileiro, que vem crescendo bem acima de todas as previsões e pode fechar o ano em US\$ 7 bilhões. O objetivo é fazer com que os grandes bancos internacionais mantenham, ou até aumentem, as linhas de crédito e a sua exposição em geral ao Brasil, que caíram drasticamente nos últimos meses, quando o País foi colocado na categoria dos que podem ser levados a um calote das suas obrigações externas. O desembarque da missão brasileira está previsto para hoje.

“O superávit comercial é o dado positivo que o Brasil tem para mostrar. É vital para a economia recuperar a credibilidade”, disse uma fonte do governo, em Brasília.

O encontro está marcado para as 10 horas, na sede do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de Nova York. Na terça-feira, em Nova York, Fraga fará uma palestra no Conselho das Américas, e talvez haja também, em algum momento da sua estada em Nova York, um encontro com representantes de bancos de investimento.

Fraga e Malan passaram os últimos dias em uma atividade intensa de convite para executivos do alto escalão (provavelmente presidentes e diretores financeiros) dos maiores bancos do mundo. A lista de participantes não foi oficialmente divulgada, mas aparentemente os maiores bancos americanos, como o Citigroup, JP Morgan Chase, Bank of America e FleetBoston confirmaram presença.



Fraga (esq.) e Malan se encontram hoje com primeiro escalão dos maiores bancos do planeta

São esperados também grandes bancos europeus, como o inglês Lloyds, o holandês ABN-Amro e o alemão Deutsche Bank, entre outros.

Bom presságio – O fato de a sede do encontro ser o Federal Reserve de Nova York pode ser um bom presságio. Como observa Paulo Leme, diretor de Pesquisa de Mercados Emergentes do banco de investimentos Goldman Sachs, em Nova York, os bancos centrais dos países ricos têm tido uma atitude dura em relação à exposição das instituições sob as suas jurisdições ao risco Brasil. Com as grandes perdas que os bancos internacionais já estão sofrendo por causa do colapso argentino, e a quebra escandalosa de grandes empresas, como a Enron, a diretoria geral tem sido a de recomendar maior provisionamento para exposições consideradas mais arriscadas, entre elas o Brasil.

Junto com representantes do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Fed também pode estar presente à reunião. Um eventual apoio por

META É
RECUPERAR
LINHAS DE
CRÉDITO

O ROAD-SHOW DO PAÍS

A agenda de Armínio e Malan em Nova York hoje

- | | |
|---|--|
| <p>Local: Edifício do Fed, o banco central americano, em Nova York</p> | <p>O que está em jogo: a equipe econômica precisa convencer os banqueiros a restabelecerem as linhas de crédito para o País, mostrando que o Brasil tem condições de pagar suas dívidas</p> |
| <p>Participantes brasileiros: o presidente do BC, Armínio Fraga, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan</p> | <p>Obstáculos: aperto de crédito nos EUA e fraudes corporativas diminuíram o apetite por risco, calote da Argentina deixou marcas profundas</p> |
| <p>Participantes estrangeiros: representantes de grandes bancos estrangeiros, entre eles Citibank, Lloyds, ABN-Amro, FleetBoston</p> | |

parte da autoridade monetária americana à posição do governo brasileiro, confirmando que o risco percebido pelos mercados atualmente em relação ao País é muito exagerado, pode ser decisivo para aliviar a contração das linhas comerciais do Brasil.

Nos últimos 12 meses, o saldo comercial brasileiro já atinge US\$ 7 bilhões, e este é um fator que será intensamente martelado por Malan e Fraga na reunião com os banqueiros. O diretor de Política Monetária do Banco Central (BC), Luiz Fernando Figueiredo, acha que

o processo de expansão do saldo ainda não terminou: “É claro que, nos próximos 12 meses, vai ser mais do que US\$ 7 bilhões, já que a tendência é de crescimento”.

Especialistas do setor observam que a maioria das exportações responsáveis pelo superávit comercial de US\$ 1,197 bilhão em julho, e de US\$ 831 milhões até a terceira semana de agosto, foi fechada com o dólar ainda abaixo do nível de R\$ 3. Se houvesse apenas uma repetição do resultado comercial dos cinco últimos meses de 2001, o superávit anual já ficaria em

torno de US\$ 7 bilhões (o acumulado do ano é de US\$ 4,634 bilhões). Mas com o câmbio bem mais desvalorizado e uma economia no mínimo tão retraída quanto no ano passado, já há a expectativa, inclusive no governo, de que o saldo de 2002 possa superar os US\$ 7 bilhões.

Importações – É verdade que este saldo está vindo principalmente de uma drástica redução das importações, bem superior à queda das exportações em 2002 (comparado com 2001). De janeiro a julho, as importações caíram 18,9%, em relação ao ano passado, enquanto as exportações foram 7,7% menores. Mesmo aí, porém, o exame mais detalhado pode revelar nuances positivas. A queda das exportações está muito ligada à redução de preços internacionais, à retração da economia mundial e à crise argentina. Em princípio, estes são fatores mais conjunturais do que estruturais. Na queda das compras externas, por outro lado, embora seja inegável que a desaceleração foi uma causa fundamental, também há vários sinais de que existe um processo de substituição de importações em curso, impulsionado pela desvalorização cambial.

O saldo comercial, como observa Figueiredo, é a peça principal de um ajuste externo que está atingindo todos os itens mais relevantes do balanço de pagamentos, como juros, amortizações (empréstimos que têm sido quitados reduzem a carga futura), turismo, dividendos, etc. A famosa projeção de US\$ 50 bilhões de financiamento externo (soma do déficit em conta corrente e da amortização de empréstimos) que o novo governo teria de buscar no seu ano inaugural, em 2003, já vem caindo por conta do processo de ajuste externo, puxado pelo aumento do saldo comercial.

Acredita-se agora que a necessidade de financiamento externo em 2003 possa cair em cerca de US\$ 10 bilhões, ou até mais. Este processo é puxado pela dinâmica do câmbio fluante, uma arma brasileira para enfrentar a atual crise que diferencia radicalmente o País da Argentina, que chegou ao calote na esteira de um regime de câmbio fixo com paridade de 1 por 1 entre o dólar e o peso. (Colaborou Adriana Fernandes)